



Modo de vida, economia e resistência de comunidades agroecológicas em Lagoa do Itaenga, PE

Matheus Alexandre Da Silva; Instituição: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) E-mail: matheus.alexandresilva@ufpe.br.

Salette Ingracia Araújo Tjin Aton, Instituição: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); E-mail: salette.araujo@ufpe.br.

Linha de Pesquisa: Identidade, Cultura e Territorialidades

1 Introdução

Lagoa do Itaenga é um município localizado na Zona da Mata Norte de Pernambuco, como visto na figura 1, com uma história rica marcada por processos de ocupação e desenvolvimento rural. Fundado em 1958, o município se destaca por sua economia baseada na agricultura e pela preservação de práticas culturais tradicionais. Em meio a esse contexto, a ASSIM – Associação de Produtores e Moradores Agroecológicos do Imbé, Marreco e Sítios Vizinhos – desempenha um papel fundamental no fortalecimento das práticas agroecológicas locais, promovendo sustentabilidade, valorização da cultura e organização comunitária.

Figura 1: Mapa de localização das comunidades agroecológicas de Lagoa do Itaenga.



Fonte: os autores

As comunidades agroecológicas de Lagoa do Itaenga representam uma confluência entre práticas tradicionais de cultivo e métodos sustentáveis que priorizam a relação equilibrada entre sociedade e natureza. Esse cenário reflete modos de vida que resistem às pressões impostas pela modernização e pelas dinâmicas de mercado, articulando identidade, cultura e territorialidade. O presente estudo investiga os desafios enfrentados por essas comunidades, explorando suas práticas agroecológicas, as interações com o mercado local e regional, e os impactos das políticas públicas em suas dinâmicas sociais e produtivas.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral identificar a relação sociedade-natureza nas comunidades agroecológicas de Lagoa do Itaenga. Especificamente, busca analisar seus modos de vida e práticas culturais, avaliar a integração com o mercado local e regional e investigar as percepções sobre os impactos das políticas públicas em suas práticas agroecológicas e estratégias de resistência territorial.

Diante das crescentes pressões econômicas e ambientais, a questão norteadora é: como as comunidades agroecológicas de Lagoa do Itaenga mantêm suas práticas culturais e agrícolas em um contexto de desafios econômicos e sociais? A relevância do estudo está em sua contribuição para a compreensão dos processos de resistência territorial, promovendo reflexões sobre a agroecologia como alternativa sustentável e instrumento de segurança alimentar para comunidades rurais. Assim, busca-se valorizar as experiências locais como exemplos de resiliência e inovação social.

2 Referencial teórico

Este estudo fundamenta-se teoricamente nos trabalhos de autores que se debruçam sobre a relação entre cultura, territorialidade, práticas agroecológicas e resistência comunitária.

Milton Santos (2000) contribui com o conceito de território usado, enfatizando que o território é mais do que uma delimitação geográfica: é um espaço de relações sociais mediadas por práticas culturais, políticas e econômicas. Nesse sentido, o território das comunidades agroecológicas de Lagoa do Itaenga é um espaço de resistência, onde a interação entre sociedade e natureza se manifesta em práticas sustentáveis e na preservação de identidades culturais.

A agroecologia é entendida, conforme Altieri (2004), como uma ciência que integra conhecimentos tradicionais e modernos para promover sistemas agrícolas resilientes e sustentáveis. O autor enfatiza que a agroecologia não é apenas um conjunto de práticas agrícolas, mas também uma estratégia para fortalecer a soberania alimentar e a autonomia das comunidades.

Na perspectiva de políticas públicas, Maluf (2000) aborda a importância de medidas voltadas à promoção da segurança alimentar e à proteção dos pequenos agricultores, destacando o papel dos governos na formulação de programas que incentivem a produção local e reduzam as desigualdades no acesso a recursos e mercados. Complementando essa visão, Abramovay (2012) elenca o conceito de redes sociais e economia solidária como instrumentos de organização comunitária, fundamentais para o fortalecimento das dinâmicas territoriais.

Freire (1970) oferece subsídios teóricos para compreender o protagonismo dos sujeitos no enfrentamento de desafios socioeconômicos. Sua abordagem enfatiza a pedagogia libertadora, na qual o conhecimento emerge da prática e do diálogo, sendo fundamental para o empoderamento das comunidades na construção de estratégias de resistência territorial.

Além disso, Haesbaert (2004) contribui com o conceito de multiterritorialidade, que reconhece as múltiplas dimensões territoriais vivenciadas pelas comunidades agroecológicas. Essas dimensões incluem, tanto o espaço físico das práticas agrícolas, quanto os espaços simbólicos de cultura e identidade, que são essenciais para a preservação das tradições e para a resiliência comunitária.

Por fim, autores como Guzmán e Woodgate (1998) reforçam a ideia de que a agroecologia transcende os limites da sustentabilidade ambiental, incorporando aspectos sociais e políticos. Esse enfoque permite entender as comunidades agroecológicas como espaços de transformação social, onde se articulam saberes locais, práticas sustentáveis e resistência às pressões do mercado globalizado.

3 Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, tendo como foco compreender as práticas, vivências e desafios de comunidades agroecológicas em Lagoa do Itaenga, Pernambuco. A ideia para o estudo surgiu a partir de debates acadêmicos promovidos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no âmbito de um projeto interdisciplinar que investiga os impactos sociais e econômicos de práticas agroecológicas em comunidades rurais. Inspirados pela relevância do tema para o fortalecimento de modelos sustentáveis, o estudo buscou documentar e analisar as especificidades dessa relação entre os moradores e a agroecologia.

O trabalho de campo foi realizado em abril de 2023 e contou com o apoio financeiro da UFPE. A escolha da comunidade foi fundamentada na sua representatividade enquanto território com longa história de práticas agroecológicas, articuladas por meio da Associação de Produtores e Moradores Agroecológicos do Imbé, Marrecó e Sítios Vizinhos (ASSIM).

As atividades de campo foram realizadas ao longo de dois dias intensivos na comunidade, envolvendo entrevistas semiestruturadas e conversas informais com um total de 10 famílias locais. Os interlocutores foram selecionados com base em critérios como diversidade etária, ocupacional e de engajamento com práticas agroecológicas, garantindo uma amostra variada que refletisse as dinâmicas da comunidade. Durante as entrevistas, foram explorados aspectos como história de vida, modos de produção, desafios enfrentados e relação com políticas públicas e o mercado.

Foram elaboradas 10 perguntas abertas que serviram como norteadoras das entrevistas. A flexibilidade no roteiro permitiu que os participantes compartilhassem livremente suas experiências, ampliando a profundidade das conversas e gerando dados ricos e detalhados. Além disso, as conversas informais realizadas durante visitas a áreas de produção, espaços de convivência e reuniões da ASSIM complementaram as informações obtidas nas entrevistas.

Todos os participantes foram informados previamente sobre os objetivos da pesquisa e assinaram termos de consentimento livre e esclarecido, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa acadêmica.

A análise dos dados foi realizada com base na técnica de análise de conteúdo, categorizando os relatos em eixos temáticos definidos previamente: modos de vida, integração com o mercado e políticas públicas. Após a categorização, foi elaborado um relatório detalhado contendo os principais achados, interpretações e reflexões desenvolvidas pelos autores em conjunto.

4 Resultados e Discussão

O modo de vida dessas comunidades está profundamente enraizado na agroecologia, que, como abordado anteriormente, é mais do que um conjunto de práticas agrícolas: é um sistema que integra conhecimentos tradicionais e científicos, conforme discutido por autores como Altieri (1989). A relação com a terra vai além do cultivo, sendo uma expressão de identidade e resistência. Práticas como o consórcio de culturas, o uso de biofertilizantes e o manejo sustentável do solo ilustram como a sabedoria local é aplicada para preservar os bens naturais e garantir a segurança alimentar, mesmo em contextos adversos.

Um ponto central nos resultados foi o papel da economia agroecológica no fortalecimento da resiliência das comunidades. A comercialização em feiras agroecológicas, por exemplo, vai além da simples venda de produtos. Esses espaços funcionam como redes de interação social e política, onde agricultores constroem laços com consumidores e disseminam os valores da produção orgânica e sustentável. As feiras são descritas como arenas de empoderamento, onde pequenos produtores encontram a oportunidade de competir em condições mais justas, eliminando intermediários e agregando valor aos seus produtos.

A presença de políticas públicas, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), foi destacada como um marco importante para a sustentabilidade econômica dessas famílias. Esses programas possibilitam que os produtos das comunidades agroecológicas cheguem diretamente às escolas e comunidades vulneráveis, criando um ciclo virtuoso que beneficia, tanto os agricultores, quanto os consumidores finais. Contudo, a descontinuidade de tais programas, evidenciada nos relatos, aponta para os desafios estruturais enfrentados por esses agricultores.

Outro aspecto relevante é a articulação das comunidades em redes e associações. Movimentos organizados têm sido fundamentais para garantir o acesso a créditos, assistência técnica e políticas de incentivo. Essas redes também promovem a troca de saberes entre comunidades, fortalecendo a implementação de práticas inovadoras, como sistemas agroflorestais e tecnologias sociais para a captação de água da chuva. Na figura 2, por exemplo, é possível observar uma plantação de alface, mas integrada a um sistema ecológico que abrange outras espécies tanto frutíferas como também arbustos, todas contribuindo para o enriquecimento do solo com uma técnica passada tanto socialmente entre os vizinhos, como também com cursos e eventos promovidos pela ASSIM. O uso dessas técnicas, associado à resiliência dos agricultores, reflete um esforço conjunto para lidar com desafios como mudanças climáticas e a pressão do agronegócio. Esse esforço em conjunto pode ser visto na figura 3, na

qual mostra a preparação de sementes no entorno da comunidade que são utilizadas para o plantio e para o comércio local da comunidade.

A resistência feminina emergiu como um dos pilares do modo de vida agroecológico em Lagoa do Itaenga. As mulheres lideram iniciativas que vão desde o beneficiamento de alimentos até a gestão de organizações comunitárias. Mais do que contribuir economicamente, elas transformam o tecido social, promovendo a equidade de gênero e reforçando os laços comunitários. Relatos apontam que, em várias comunidades, as mulheres assumem papéis estratégicos na negociação com políticas públicas e na organização de feiras agroecológicas, reafirmando o protagonismo feminino na construção de sistemas sustentáveis.

Figura 2: Plantação de alface no terreno da associação.



Fonte: Os autores.

Figura 3: Preparação de sementes no entorno da comunidade que são utilizadas para o plantio.



Fonte: Os autores.

Ao analisar a economia dessas comunidades, ficou evidente que a agroecologia não se limita a produzir alimentos; ela também preserva ecossistemas (visto na figura 2), cria empregos locais e reduz a dependência de insumos externos. Apesar disso, os desafios são significativos. A ausência de infraestrutura adequada, como estradas e transporte, limita o alcance de mercados maiores. Além disso, a crescente pressão por monoculturas e o uso de agrotóxicos em propriedades vizinhas afetam diretamente a saúde ambiental e a qualidade de vida nas áreas agroecológicas.

Em termos de resistência política, as comunidades agroecológicas de Lagoa do Itaenga apresentam uma organização notável. Os agricultores não apenas trabalham coletivamente, mas também se mobilizam para reivindicar direitos e enfrentar as adversidades impostas pelo sistema agrário dominante. Essa luta se manifesta em ações concretas, como a busca por regularização fundiária e o enfrentamento de políticas que favorecem a expansão do agronegócio em detrimento da agricultura familiar.

Em síntese, o modo de vida agroecológico em Lagoa do Itaenga é mais do que uma alternativa econômica; é uma estratégia de resistência e sobrevivência, profundamente enraizada nos valores comunitários e no respeito pela natureza. Apesar dos desafios impostos por um sistema que privilegia o agronegócio, essas comunidades continuam a se reinventar, promovendo uma agricultura que é, ao mesmo tempo, produtiva, inclusiva e sustentável. Ao

transformar adversidades em oportunidades, as comunidades agroecológicas de Lagoa do Itaenga mostram que a luta pela soberania alimentar e pela preservação ambiental não é apenas necessária, mas possível.

5 Conclusões

O estudo evidenciou a estreita relação entre identidade, cultura e territorialidade nas comunidades agroecológicas de Lagoa do Itaenga. Os agricultores mantêm práticas tradicionais e sustentáveis que refletem a resistência territorial diante de desafios estruturais e mercadológicos. A ausência de políticas públicas específicas e o impacto da modernização destacam os limites da autonomia dessas comunidades.

A experiência em Lagoa de Itaenga ilustra um microcosmo da luta pela sustentabilidade e pela justiça social no Brasil rural. A transição agroecológica, liderada pela ASSIM e adotada por agricultores comprometidos, é uma resposta eficaz às pressões ambientais e econômicas. Contudo, é evidente que políticas públicas mais robustas são necessárias para enfrentar os desafios estruturais, como a concentração fundiária, a criminalidade e os impactos dos agrotóxicos.

A agroecologia não é apenas um modelo produtivo, mas uma alternativa para ressignificar as relações entre sociedade e natureza. Promover a autonomia dos agricultores e valorizar a cultura local são passos indispensáveis para que Lagoa de Itaenga continue a ser um exemplo de resistência e inovação no campo.

Como contribuição, o trabalho sugere que políticas públicas voltadas à valorização da agricultura familiar e ao fortalecimento das feiras agroecológicas são essenciais para a sustentabilidade das comunidades. A inclusão de práticas agroecológicas nos currículos escolares locais pode ser uma estratégia para incentivar novas gerações a preservar essas práticas culturais.

6 Referências

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 3. ed. São Paulo – SP: Editora Schwarcz S.A, 2019.

DE BRITTO PEREIRA, M. C. **Revolução Verde**. [s.l: s.n.].

COSTA, Alcides Faria da; GONÇALVES, Marcos José de Abreu; EIRAS, Marcelo de Andrade. **A agricultura mora em mim: a face invisível das cidades**. Rio de Janeiro: AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, 2012.

MACHADO, PINHEIRO. **Dialética da Agroecologia**. Revista Brasileira de Agroecologia, V. 1, N. 1, P. 39-49, 2006.

SHIVA, VANDANA. **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e biotecnologia**. Tradução de Camila Wadhy Rezende e Fernando de Oliveira Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 287 p.